

Título: Comunicação em Cuidados Paliativos

Autores: Ana Isabel Silva (1); Elisabete J.C. Roldão (2); Virgínia Sousa Calado (3)

Profissão / Instituição / Contacto:

(1) Terapeuta Ocupacional, Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Viana do Castelo, anasilvato@gmail.com

(2) Terapeuta Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional do Hospital Militar Principal de Lisboa, elisabeteroldao@hotmail.com

(3) Terapeuta Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional - Centro de Saúde da Lapa, virginiasousacalado@sapo.pt

Tipo de trabalho: Revisão Bibliográfica

Tipo de apresentação: Poster com 80cm x 100cm

Material Utilizado: Realizado em papel fotográfico, composto por texto e imagens de ilustração

Resumo

É bastante provável que o homem seja o único ser vivo com consciência da inevitabilidade biológica da sua própria morte. À nossa volta, nas palavras escritas e ditas, a morte aparece sempre como oposição à vida quando, no fundo, ela é apenas uma parte da própria vida.

O desenvolvimento da medicina, e a melhoria das condições socio-económicas levaram a um aumento da esperança de vida contudo, é importante que, a participação nas ocupações acompanhe cada um até à morte.

O principal objectivo deste trabalho, realizado no âmbito da Licenciatura em Terapia Ocupacional, é identificar abordagens inovadoras em Terapia Ocupacional, metodologias de avaliação/intervenção e/ou contextos institucionais relativamente à população que necessita de cuidados paliativos. Para tal, efectuámos um estudo exaustivo, através da revisão bibliográfica de artigos, livros e trabalhos de investigação tendo encontrado a comunicação como um dos principais factores na abordagem em Cuidados Continuados.

A falta de acesso a cuidados paliativos faz com que doentes terminais e pessoas idosas continuem a passar por um sofrimento desnecessário nos anos finais da sua vida.

Os cuidados paliativos, por mais elaboradas que as definições se possam apresentar, têm um conteúdo funcional constituído por três elementos essenciais: o tratamento sintomático; a comunicação com o doente; e o apoio à família.

Sendo a comunicação um dos principais pilares em Cuidados Paliativos, funcionando como uma estratégia terapêutica de intervenção no sofrimento e controlo de sintomas associados à doença avançada e terminal, deve ser eficaz, dependendo não só da formação padronizada, bem como do treino e da experiência dos profissionais de saúde. As diferentes técnicas utilizadas, deverão fazer face e resolver as situações mais frequentes e problemáticas, na abordagem em Cuidados Paliativos (comunicação do diagnóstico e prognóstico, transmissão de más notícias,...). Porém, qualquer estratégia adoptada, para se atingir uma comunicação eficaz, deve ter em conta que cada doente é único, assim como é única e particular a situação que, quer o doente quer a família, se encontram e o momento que vivem.

Nos cuidados continuados, a abordagem dos problemas das pessoas deve ser centrada nestas e nas suas necessidades globais, incluindo, as dos familiares e/ou dos cuidadores principais. O sofrimento de quem está a morrer está muito para além dos sintomas e do plano estritamente físico. Não é só a quem está a morrer que a morte pesa, é a todos os que lhe estão próximos, como se cada homem, perante a morte dos seus semelhantes, tivesse a antevisão da sua própria morte. Durante o processo da doença, as relações interpessoais, os papéis sociais, ocupacionais, a participação, a liderança e as dinâmicas de grupo serão desafiadas e por vezes mudadas.

Considera-se que a Abordagem Centrada no Cliente, é um dos pilares da prática dos terapeutas ocupacionais, ao nível dos Cuidados Paliativos. Segundo a Associação Canadiana de Terapeutas Ocupacionais (1998), esta abordagem permite ao terapeuta ocupacional:

- respeito pelos clientes e famílias e pelas escolhas que fazem;
- dar informação, conforto físico e suporte emocional enfatizando a comunicação centrada na pessoa;
- facilitar a participação do cliente nos serviços de Terapia Ocupacional em todos os aspectos;
- responsabilizar clientes e famílias pela escolha das ocupações e dos serviços de Terapia Ocupacional;
- oferecer serviços de Terapia Ocupacional individualizados e flexíveis;

- capacitar/habilitar o cliente para resolver os seus problemas ocupacionais;
- enfoque na relação pessoa/ambiente/ocupação.

O terapeuta ocupacional pode ajudar o doente e a família na partilha da verdade, em vez de a evitar, reduzindo-se, de forma significativa, o nível de tensão entre as duas partes. Deste modo, e com a família e o doente, podemos trabalhar em conjunto, com o objectivo de promover o ajuste pessoal à situação, aumentar a capacidade de cuidar e possibilitar uma adaptação normal ao luto. Uma boa comunicação reduz o alienamento do doente e diminui a incerteza e os medos, aumenta a sua capacidade de adaptação e favorece a realização de objectivos conjuntos em relação à terapia e cuidados.

Segundo Isabel Neto “na área dos Cuidados Paliativos a comunicação está especialmente desenvolvida” ... “porque para os doentes é especialmente importante”.

Na prática dos Cuidados Paliativos, de forma a ultrapassar algumas áreas problemáticas da Comunicação é, por vezes, utilizado o modelo de Comunicação “*Protocolo de Buckman*”, como guião orientador para uma comunicação mais efectiva e assertiva na transmissão de más notícias.

Um terapeuta ocupacional deverá ter competências que lhe permitam lidar com as atitudes e comportamentos dos clientes, com os seus sentimentos, ansiedades, emoções, medos, desejos, ... enfim, **comunicar**.

Todos os doentes tem o direito a ser tratados de forma a viverem com a máxima qualidade de vida possível e, no fim, a morrerem com dignidade. Temos pois obrigação de tratar os doentes terminais como “ indivíduos cujo direito a tomar decisões sobre a sua saúde seja respeitado” (Leiria, 2004).